

APRESENTAÇÃO**CAMINHOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA:
UMA HOMENAGEM A LILIAN FERRARI****PATHS OF COGNITIVE LINGUISTICS:
A TRIBUTE TO LILIAN FERRARI****DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e20000****Diogo Pinheiro¹****Claudete Lima²****Leosmar Aparecido da Silva³**

Resumo: partindo da visão da Linguística Cognitiva (LC) como um campo heterogêneo e em constante expansão, que investiga a relação entre linguagem e cognição, discutimos as propriedades que a unificam. Originalmente centrada na motivação conceptual da gramática, a LC passou a abarcar também estudos discursivos, literários e baseados-no-uso – preservando, porém, o foco nas operações cognitivas não exclusivamente linguísticas. Mostramos ainda de que maneira a trajetória da professora Lilian Ferrari, que reflete o próprio campo da LC ao conjugar unidade e diversidade, contribuiu decisivamente para o avanço do movimento cognitivista no Brasil, em termos tanto teóricos quanto institucionais.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; cognição; estrutura conceptual; gramática; significado.

Abstract: Based on the view of Cognitive Linguistics (CL) as a heterogeneous and constantly expanding theoretical field that investigates the relationship between language and cognition, this text discusses the properties that unify its different theories and frameworks. Originally centered on the conceptual motivation of grammar, CL has come to encompass discursive, literary, and usage-based studies – all while maintaining a consistent focus on domain-general cognitive operations. We also show how Professor Lilian Ferrari’s academic trajectory, which mirrors the field of Cognitive Linguistics insofar as it combines unity and diversity, played a crucial role in advancing the cognitive enterprise in Brazil, both in theoretical and institutional terms.

¹ Diogo Pinheiro tem Doutorado em Linguística e é Professor Associado no Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

² Claudete Lima tem Doutorado em Linguística e é Professora Titular no Departamento de Letras Vernáculas da UFC. E-mail: claudete@letras.ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9866-9209>.

³ Leosmar da Silva tem Doutorado em Linguística e é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. e-mail: silva515@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3954-3518>.

Keywords: cognitive linguistics; cognition; conceptual structure; grammar; meaning.

Já é lugar comum a afirmação de que a Linguística Cognitiva (LC) é um arquipélago, e não uma ilha (Geeraerts, 2006, p. 2). O que essa metáfora ilumina é o fato de que a LC não se configura como uma empreitada homogênea e teoricamente coesa, mas como um conjunto de modelos e teorias relativamente independentes e mais ou menos afins. Isso, naturalmente, levanta a seguinte questão: que propriedade define e (em alguma medida) unifica esse campo?

Historicamente, uma resposta relativamente comum envolve a ideia de que *a forma gramatical é conceitualmente motivada*. Almeida *et al.* (2010, p. 16), por exemplo, parecem tomar como propriedade definidora da LC a “hipótese da motivação conceitual da gramática, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos cognitivos mais gerais”. Na mesma linha, a obra *Introdução à Linguística Cognitiva*, certamente o manual de LC mais conhecido e influente em língua portuguesa, ensina que a LC assume “um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica” afastando-se da “perspectiva modular da cognição adotada pelo gerativismo” (Ferrari, 2011, p. 13). Examinadas de perto, o que essas duas definições têm em comum são as ideias de que (i) a LC investiga a relação entre significado e forma gramatical e (ii) essa investigação se dá a partir de uma perspectiva não modularista – o que implica, como sabemos, levar em conta a cognição não linguística.

Um exemplo particularmente elucidativo dessa perspectiva é o tratamento de Langacker (1987) para o problema da “hierarquia temática”. Considerem-se os exemplos a seguir:

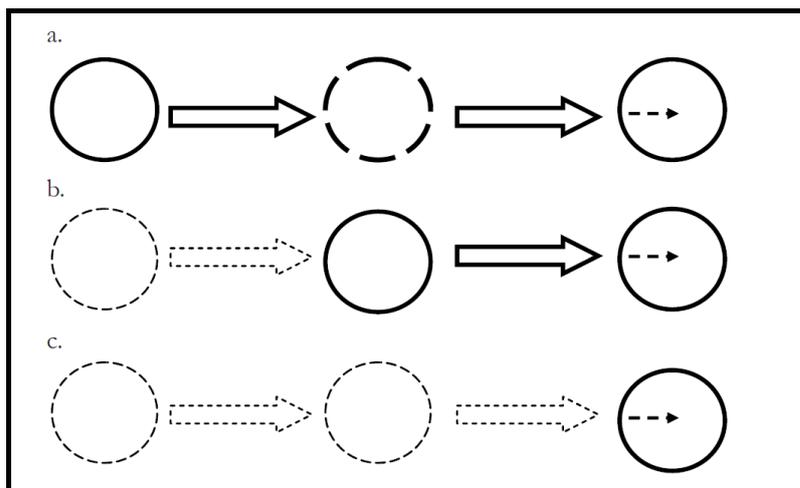
1. O ladrão abriu a porta com o pé-de-cabra.
2. O pé-de-cabra abriu a porta.
3. A porta abriu.

Em (1), o sujeito é agente; em (2), o sujeito é instrumento; e, em (3), o sujeito é tema. Fillmore (1968) havia capturado essa regularidade por meio de uma “hierarquia temática”, segundo a qual AGENTE > INSTRUMENTO > TEMA. Em termos simples: havendo um agente, ele será o sujeito; na ausência do sujeito, esse papel caberá ao instrumento; na ausência do instrumento, o sujeito será um tema. Mas, como se vê, Fillmore meramente postula – ou, para usar um verbo de preferência de Goldberg (2006), estipula – essa hierarquia, sem justificá-

la. Langacker (1987), porém, argumenta que a regularidade observada por Fillmore é uma decorrência da própria maneira como o ser humano conceptualiza o mundo.

A ideia aqui, em síntese, é a seguinte: o ser humano é dotado da habilidade de conceptualizar uma mesma cena ou entidade de diferentes maneiras – uma capacidade que tem sido referida na literatura cognitivista como *construal* (ora traduzido como “conceptualização”, ora traduzido como “perspectivização”, ora mantido em inglês). Embora essa habilidade não seja inerentemente – ou mesmo primariamente – linguística (podemos, por exemplo, focalizar ou subfocalizar intencionalmente diferentes partes do nosso campo visual), ela parece *motivar* a estrutura gramatical. As sentenças (1) a (3), por exemplo, correspondem a diferentes maneiras de construir (ou conceptualizar um mesmo cenário). Langacker (1987, p. 332-333) representa esse fato da seguinte maneira:

Figura 1: representação das conceptualizações evocadas por (1), (2) e (3)



Fonte: Almeida *et al.* (2010, p. 30).

As imagens (a), (b) e (c) representam uma mesma cadeia agentiva, na qual um agente (primeiro círculo) transfere energia para um instrumento (segundo círculo), que, por sua vez, transfere energia para um tema (terceiro círculo). Cada uma delas, no entanto, captura uma conceptualização (ou *construal*) diferente desse cenário: em (a), que corresponde a (1), os três elementos (agente, instrumento e tema), estão perfilados (isto é, focalizados, dotados de proeminência perceptual/conceptual); em (b), que corresponde a (2), apenas o instrumento e o tema estão perfilados, de maneira que o agente se mantém como pano de fundo, sem proeminência perceptual/conceptual (na terminologia de Langacker, diz-se que ele permanece na “base”); por fim, em (c), que corresponde a (3), apenas o tema é perfilado.

O que vemos aqui, portanto, é uma cena agentiva arquetípica conceptualizada de três formas distintas. Para Langacker (1987), essas diferentes possibilidades de conceptualização explicam as três possibilidades de estrutura gramatical presentes em (1) a (3). A generalização é a seguinte: se perfilamos um componente mais à esquerda, devemos necessariamente perfilar todos os componentes à sua direita. Assim, se perfilamos o agente, devemos perfilar instrumento e tema; se perfilamos o instrumento, devemos perfilar também o tema; e, por fim, se perfilamos o tema, não precisamos perfilar nenhum outro elemento.

O que essa análise mostra é que a hierarquia temática identificada por Fillmore (1968) não precisa ser *estipulada*, como se se tratasse de uma generalização arbitrária. Em vez disso, ela pode ser motivada a partir das nossas habilidades cognitivas de conceptualização da realidade. Nas palavras de Almeida *et al.* (2010, p. 31), a lógica é sempre a seguinte: “o sujeito corresponderá ao elemento que estiver mais próximo da origem da fonte de energia dentre os elementos efetivamente perfilados”.

Este é, naturalmente, apenas um exemplo de uma postura típica da LC – qual seja, explicar a forma gramatical (sobretudo, sintática) a partir da maneira como a cognição humana representa a realidade. Muitos outros exemplos poderiam ser mencionados. Citemos apenas dois: Chen (2003) argumenta que a construção de inversão sujeito-auxiliar do inglês (por exemplo, “On my left was Tom López”) reflete nossa capacidade perceptual/conceptual de inverter a relação figura-fundo, e Pinheiro e Ferrari (2017) defendem que a construção de inversão verbo-sujeito do português brasileiro (por exemplo, “Apareceu a polícia!”) reflete nossa habilidade de mudança de perspectiva (em particular, a habilidade de nos deslocarmos imaginativamente do aqui-e-agora interacional para o aqui-e-agora do evento narrado). Em ambos os casos, a lógica é a mesma: a estrutura sintática reflete nossa conceptualização do mundo.

* * *

Recorrer à hipótese da motivação conceptual da gramática para caracterizar a LC é uma estratégia comum – e provavelmente apropriada quando se tem em mente os primeiros anos desse movimento, nas décadas de 1980 e 1990. No entanto, a popularidade crescente do paradigma acarretou um movimento de expansão contínua, que acabou por levar o instrumental analítico da LC para além das análises estritamente gramaticais. Duas ramificações bastante populares do empreendimento cognitivista bastam para comprovar esse ponto: a Análise do

Discurso Guiada por Metáforas (*Metaphor-led Discourse Analysis*) e a Estilística Cognitiva (*Cognitive Stylistics*).

A primeira está fundada, evidentemente, na Teoria da Metáfora Conceptual, associada sobretudo, nos primeiros anos da LC, aos nomes de George Lakoff e Mark Johnson. Proposta por Cameron *et al.* (2009), essa abordagem consiste em um conjunto explícito e sistemático de procedimentos para transcrição, identificação e codificação de metáforas, com o objetivo de flagrar padrões discursivos. Aqui, portanto, a ideia de organização metafórica do pensamento e da linguagem, tão cara à LC, é colocada a serviço de um propósito típico das análises do discurso: identificar valores, atitudes, ideologias e sistemas de crença em textos variados.

Se a Análise do Discurso Guiada por Metáforas (ADGM) aproxima da LC da Análise do Discurso (em sentido amplo), a Estilística Cognitiva (EC) aproxima da Teoria da Literatura e, naturalmente, da Estilística. Assim como a Estilística tradicional, a EC também está preocupada com a relação entre elementos formais presentes na superfície do texto e a produção de efeitos de sentido ou efeitos estilísticos. Ela inova, no entanto, ao recorrer ao amplo arsenal de descrição semântica disponibilizado pela LC – o que inclui, por exemplo, metáforas e metonímias conceptuais, espaços mentais, integração conceptual, alteração / flutuação de ponto de vista, etc.

Abordagens inscritas nas tradições da ADGM e da EC são institucionalmente reconhecidas como integrantes do empreendimento cognitivista, na medida em que são, por exemplo, apresentadas em congressos voltados para a LC e publicadas em artigos ou séries de livros destinados à LC. Essa constatação nos força, naturalmente, a reconsiderar o escopo do próprio empreendimento – isto é, dada a inclusão de estudos discursivos / literários no âmbito da LC, não parece mais razoável tomar, com propriedade definidora do movimento, a ênfase na relação entre forma gramatical e conceptualização da realidade.

Um elemento, contudo, permanece constante: trata-se do princípio segundo o qual *a linguagem deve ser abordada à luz da estrutura conceptual humana* (isto é, da maneira como nós conceptualizamos o mundo). Dito de outro modo, a expansão que descrevemos nesta seção modifica um dos componentes do binômio *gramática X conceptualização do mundo* (qual seja, o componente *gramática*, que dá lugar à noção mais abrangente de *linguagem*) mas mantém inalterado o outro (qual seja, o componente *conceptualização do mundo*). Um segundo movimento de expansão, contudo, virá trazer modificações também a esse outro lado da balança.

* * *

Há cinco anos, Pinheiro (2020) fez um levantamento dos temas e abordagens dos artigos publicados nas edições de 2019 e 2020 da revista *Cognitive Linguistics* – o principal periódico da área. Nesse estudo, os artigos foram categorizados em seis grupos, com base nos construtos teóricos (predominantemente) mobilizados. Os grupos identificados foram os seguintes: (i) Bases pré-linguísticas da construção do significado (EIs, frames, etc.); (ii) Operações de conceptualização (“construal”) na gramática; (iii) Pensamento figurativo na gramática (metáfora, metonímia, integração conceptual); (iv) Operações de conceptualização (“construal”) no discurso; (v) Pensamento figurativo no discurso (metáfora, metonímia, integração conceptual); e (vi) Organização e representação do conhecimento linguístico na memória segundo princípios da cognição geral.

Como se vê, dentre as seis categorias identificadas, as cinco primeiras envolvem processos cognitivos ou bases de conhecimentos ligados à nossa conceptualização do mundo (e, portanto, a questões de significado). Isso significa, à luz da discussão desenvolvida até aqui, que elas se conformam à definição de Linguística Cognitiva como um empreendimento intelectual que investe na relação entre a linguagem e estrutura conceptual humana (isto é, bases de conhecimento e operações mentais). Como consequência, as cinco primeiras categorias focalizam, inerentemente, questões de natureza semântica. A nota dissonante fica, é claro, por conta da categoria (vi), voltada para a “organização e representação do conhecimento linguístico na memória segundo princípios da cognição geral”.

Interessantemente, o que a categoria (vi) abrange são temas e construtos teóricos caros à tradição funcionalista norte-americana. Aqui, trata-se de investigar de que maneira a mente humana responde à experiência linguística. Esse foco contempla, claro, temas e construtos historicamente associados ao Funcionalismo norte-americano, como frequência (de ocorrência, de coocorrência e de tipo), enraizamento (*entrenchment*) e *chunking*. Observe que, aqui, o foco não mais recai sobre as bases de conhecimento e processos cognitivos que estruturam a maneira como nós conceptualizamos o mundo – o que significa, em outros termos, que o interesse primário não está relacionado ao componente semântico do nosso conhecimento linguístico.

Isso, para alguns, pode parecer herético. Afinal, a LC é conhecida, historicamente, pelo seu caráter essencialmente semanticocêntrico – o que é frequentemente interpretado como uma alternativa à natureza sintaticocêntrica do empreendimento gerativista. Aqui, porém, cabe uma observação análoga à que foi feita na seção anterior: a despeito do fato de que, historicamente,

a LC está primariamente interessada no componente semântico (em interface, é claro, com aspectos formais), o fato é que estudos voltados primariamente para aspectos formais são *institucionalmente reconhecidos* como integrantes legítimos do movimento – a julgar, pelo menos, pela fato de que eles são acolhidos pelo periódico *Cognitive Linguistics*.

Dois exemplos bastam para demonstrar essa tese. Considerem-se, a título de ilustração, os artigos *Comprehension of object relatives in Spanish: the role of frequency and transparency in acquisition and adult grammar*, publicado em 2024 nesse periódico por Miquel Llompart, Sara Fernández Santos e Ewa Dabrowska, e *Exposure and emergence in usage-based grammar: computational experiments in 35 languages*, de autoria de Jonathan Dunn, publicado na mesma revista em 2022. O primeiro investiga o papel da frequência de diferentes tipos de orações relativas no processo de aquisição; o segundo, de maneira bastante similar, busca compreender os mecanismos por meio dos quais a exposição ao *input* concreto leva à emergência de construções abstratas. Nos dois casos, portanto, não se trata de examinar as representações semânticas ou efeitos de sentido evocados por uma ou outra forma linguística; trata-se, em vez disso, de avaliar de que maneira a *experiência linguística concreta* do falante afeta suas representações mentais.

Isso significa, é claro, que, no estágio atual, não é mais possível tomar o binômio *linguagem – conceptualização da realidade* como propriedade definidora da LC. Mas, se é assim, deveríamos concluir que o movimento cognitivista estaria, hoje, destituído de qualquer propriedade necessária? Em si mesmo, isso não seria um problema: afinal, se a LC sempre criticou a perspectiva aristotélica de categorização, seria natural enxergar a si própria como um conjunto difuso de modelos e teorias relacionados por meio de semelhanças-de-família.

A nosso ver, contudo, este (ainda?) não é o caso. Para entender por quê, é preciso observar o que há em comum entre, de um lado, operações mentais ligadas à conceptualização da realidade (metáfora, metonímia, integração conceptual, mudança de perspectiva, inversão figura-fundo, etc) e, de outro, processos cognitivos referentes à representação do *input* linguístico na memória (como, por exemplo, enraizamento – ou *entrenchment* – e *chunking*). O que esses dois grupos de processos mentais têm em comum é o fato de (i) não serem especificamente – ou mesmo primariamente – linguísticos e (ii) terem repercussões na representação do conhecimento linguístico. Se é assim, podemos, finalmente, caracterizar o amplo e difuso empreendimento cognitivista como um arcabouço que *ênfatiza a relação entre a linguagem e a cognição geral*.

* * *

Como se vê, o percurso da Linguística Cognitiva – enquanto campo científico e enquanto comunidade de prática – é marcado, decididamente, por um movimento contínuo de expansão: originalmente um arcabouço voltado para a relação entre conceptualização da realidade e forma gramatical, ela rapidamente passa a abranger tanto estudos discursivos / literários, de um lado, quanto processos cognitivos não relacionados à conceptualização da realidade, de outro. Dito de outro modo, a partir de um núcleo original fundado no binômio *gramática – estrutura conceptual*, a LC se expande em duas direções distintas: de um lado, para fora da gramática em sentido estrito; de outro, para além do foco exclusivo sobre os processos mentais associados à estrutura conceptual. O resultado é um que, apesar de imensamente diverso, preserva uma identidade bem definida, assentada sobre o binômio *linguagem – cognição geral*.

* * *

Assim como o próprio campo da Linguística Cognitiva, também a trajetória acadêmica da homenageada deste volume – a professora Lilian Ferrari, da UFRJ – é marcada, simultaneamente, por unidade e diversidade. Por um lado, suas pesquisas têm circulado por diferentes temas e contemplado uma variedade de abordagens cognitivistas; por outro, é possível identificar uma unidade profunda entre esses diferentes estudos.

A diversidade se manifesta, sobretudo, no vasto conjunto de objetos gramaticais sobre os quais ela já se debruçou – uma lista não exaustiva inclui, por exemplo, as construções condicionais, diversos elementos modais, a marca morfológica de gerúndio, um amplo leque de elementos dêiticos, construções de futuro, a construção de inversão verbo-sujeito, os verbos de comunicação verbal, alguns conectores causais, as aspas e (mais recentemente) gestos associados à dêixis locativa. A amplitude dos seus interesses, porém, também se revela quando se observam as teorias ou constructos teóricos recorrentemente mobilizados – aqui, a lista inclui, por exemplo a noção de espaço mental (e os “primitivos discursivos” a ela vinculados, com destaque para o Ponto de Vista), o conceito de *frame*, a Semântica Cognitiva, a Teoria da Integração Conceptual e a Teoria da Metáfora Conceptual.

Essa diversidade de objetos e abordagens esconde, contudo, o que parece ser uma agenda investigativa claramente definida – e incrivelmente consistente ao longo de

aproximadamente três décadas. Em poucas palavras, essa agenda se volta para os *mecanismos cognitivos de construção do significado* – isto é, aquilo que ela própria chamou, em uma metáfora particularmente elucidativa, de “acrobacias cognitivas” (Ferrari, 2012) subjacentes ao uso linguístico concreto. Além disso, no interior dessa agenda, a professora Lilian Ferrari tem se voltado, com especial interesse, para os casos em que diferentes formulações linguísticas refletem conceptualizações distintas de um mesmo cenário objetivo.

Em aproximadamente três décadas, essa pesquisa já legou um sem número de contribuições, tanto descritivas quanto teóricas. No campo da descrição, a pesquisa desenvolvida pela professora Lilian Ferrari elucidou, por exemplo, os mecanismos conceptuais envolvidos na interpretação de diversos tipos de orações condicionais do português brasileiro (Ferrari, 2015; 2013; 2012; 2008; 2007; 2001; 2000; Ferrari e Almeida, 2015; dentre muitos outros) e o funcionamento de um amplo conjunto de elementos dêiticos (Ferrari, 2016, 2014; Lima; Ferrari, 2024; Andrade; Ferrari, 2017; Miranda; Ferrari, 2017; dentre muitos outros). No que se refere às contribuições teóricas, vale destacar, em particular, seu papel fundamental no desenvolvimento e consolidação da Teoria dos Espaços Mentais – aí incluída a elaboração da versão mais recente do modelo, conhecida como *Basic Communicative Spaces Network* (Ferrari; Sweetser, 2012).

Uma avaliação justa da sua trajetória, contudo, nunca estará completa caso se limite a reconhecer os frutos da sua pesquisa científica. Em particular, é preciso mencionar seu papel fundamental para a consolidação e expansão da Linguística Cognitiva brasileira. Esse papel se implementou por meio de pelo menos três frentes: sua atuação como professora na UFJF e na UFRJ, em níveis de graduação e pós-graduação; sua atuação como orientadora / supervisora de dezenas de pesquisa de mestrado, doutorado e pós-doutorado; e a publicação do livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, que, tendo sido lançado em 2011, se tornou, muito provavelmente, o mais popular e influente manual de Linguística Cognitiva em língua portuguesa.

Há cerca de 30 anos, quando a homenageada deste volume concluiu sua tese de doutorado, a comunidade brasileira de Linguística Cognitiva era tímida e incipiente. Ao longo dessas três décadas, porém, ela passou por um forte movimento de expansão, impulsionado em grande medida pela atuação da professora Lilian Ferrari. Como resultado, temos hoje uma comunidade ampla, vibrante e com interesses diversificados (como é próprio do empreendimento cognitivista). E, para nossa sorte, uma parte importante dessa produção está documentada nos 22 artigos que compõem este volume.

* * *

O volume abre com o artigo de Ferrari (UFRJ), em que, para além de relatar sua trajetória, retoma um dos seus objetos de estudo, as condicionais, sob nova abordagem. A autora analisa três tipos de condicionais preditivas, tomando por base teórica a noção de Rede Básica de Espaços Comunicativos (BCSN), um desenvolvimento da Teoria dos Espaços Mentais, e sua relação com o fenômeno da (inter)subjetividade. Após analisar dados do *Corpus* do Português, Ferrari propõe que as três condicionais se distinguem pelo grau de subjetividade/intersubjetividade, em que a condicional com futuro simples na apódase seria menos subjetiva que a condicional com futuro perifrástico, e a condicional com presente do indicativo estaria no extremo da escala, como a mais intersubjetiva. A análise abre espaço para futuras pesquisas com outros tipos de condicionais.

Os próximos dez artigos do dossiê tomam por objeto uma dada construção. André Vinícius Lopes Coneglian (UFMG) e Pedro Henrique Truzzi de Oliveira (UNESP), com base na Gramática de Construções Radical de Croft, propõem a Construção Predicação de Evento de Movimento e analisam 87 instâncias dessa construção no romance *Vidas Secas* (Graciliano Ramos). Sara Adelino (UFRJ) compara as informações conceituais presentes no uso dos verbos TANKAR em português e TANKARE em italiano, emprestados do inglês TO TANK, apoiada na Teoria da Metáfora Estendida e na Teoria da Metáfora e Integração Conceptual. Fernando da Silva Cordeiro (UFRN) e Edvaldo Balduino Bispo (UFRN) analisam, conforme a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Teoria da Representação Morfológica, 387 ocorrências de nome em *-nte* que designam participantes de potenciais relações afetivas, retiradas da rede *X*. Também baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso, Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) investiga a construção de estrutura argumental [$SN_1 + V_{LEVE} + SN_2$], analisando a regularização e convencionalização dos *chunks* dos verbos leves *dar*, *fazer*, *ter* e *tomar*. Hanna Ferreira (UFF), no quadro teórico da Gramática de Construções Baseado no Uso, examina as construções resultativas do tipo [oração verbal [até ficar + SAdj]], avaliando o papel de *até* como operador de resultatividade.

No sexto artigo desse conjunto, Abraão Cleber Silva Nolasco (IFES) e Gesieny Laurett Neves Damasceno (UFES), tomando por base a Semântica de *Frames* e as noções de iconicidade e informatividade, analisam, em 1994 *tweets*, a construção [DOSE *de* + SN]. No artigo seguinte, Mariana Reis Rachid (UFV) e Gabriela da Silva Pires (UFV), apoiadas na

Gramática de Construções de Goldberg em conjunto com a Teoria da Avaliatividade, analisam 35 ocorrências retiradas de *blogs* da construção de repreensão “Ninguém manda X”. Também em perspectiva construcionista, Bruna Cezario (UFRJ), Diogo Pinheiro (UFRJ) e Brenda Portela (UFRJ) investigam quatro tipos de construções seriais em Wa’ikhana, uma língua da família Tukano Oriental. Os autores dão destaque especial à serialização com o verbo *duku* “ficar em pé”, por ser a que apresenta significado mais gramatical. Na mesma linha teórica, a Gramática Construções Baseada no Uso, Keren Betsabe González Rodríguez (UERJ) examina 205 ocorrências da construção condicional [*Si (X) Fuere Y*] no espanhol contemporâneo e conclui que a construção evoca vários esquemas conceptuais, como o espaço mental hipotético e bicondicional e o espaço de distanciamento epistêmico. Encerra esse conjunto de artigos que exploram construções o texto em que Camila Neiva Leite de Oliveira (UFC) e Maria Claudete Lima (UFC) apresentam uma análise, em dados do séculos XX e XXI do *Corpus COCA*, da construção *be like* usada como introdutora de discurso direto, em especial, o discurso direto fictivo.

A Teoria da Metáfora Conceptual e seus desdobramentos, bem como a Teoria da Mesclagem Conceptual formam a base teórica de sete dos artigos deste dossiê. Os três primeiros desse bloco tomam por *corpus* textos verbais. Gabriel de Matos Pereira (UFMA) e Theciana Silva Silveira (UFMA) estudam três denominações metafóricas ligadas ao termo *prostituta* presentes nos dados do projeto ALiMA: *safada*, *solteira* e *piranha*. Amanda Leles Feitosa (UFG) analisa, em enunciados de portais de notícias digitais, os mapeamentos do domínio-fonte GUERRA em três domínios-alvo: DISCUSSÃO, DOENÇA e MATERNIDADE. Leidiane do Livramento Lima Sarges (UFMA), Carliane Miranda Carneiro Aguiar (UFMA) e Mônica Fontenelle Carneiro (UFMA) examinam metáforas conceptuais no discurso de posse de Lula de 2023, avaliando o papel das metáforas no reforço de ideologias.

Ainda nesse bloco de artigos que abordam metáforas, quatro analisam textos multimodais. Paulo Handerson Rodrigues Mota (UFC), apoiado na Teoria dos Espaços Mentais e na Semântica de *Frames*, toma por objeto de análise expressões linguísticas e memes que conceptualizam a disputa judicial entre o ministro Alexandre de Moraes e Elon Musk, recorrendo a figuras da cultura *pop*. Aline Aurora Guida (UERJ), Rosane Reis (UERJ) e Gustavo Guedes (UFRJ) articulam a Análise Crítica do Discurso e a Análise do Discurso de Pêcheux com a Teoria da Metáfora Conceptual para examinarem as metáforas DOENÇA É PESSOA e DOENÇA É LUTA, em charges com a temática da Covid-19. Naira Velozo (UERJ) e Bruno Gomes (UERJ) estudam, como fenômeno emergente, a metáfora pictórica em uma

ilustração satírica. Para isso, recorrem à abordagem metafórica pictórica, à Teoria da Integração Conceptual e a outros conceitos. Apoiadas para além da Teoria da Metáfora Conceptual, nos estudos de tradução e na noção de musicalidade da pessoa surda, Glênia Aguiar Belarmino da Silva Sessa (SEMD-Nova Iguaçu), Adriana Baptista de Souza (UFRJ) e Valéria Fernandes Nunes (UFRJ) analisam metáforas conceptuais em sinais de Libras na tradução da música “Novo Tempo”.

O último bloco de artigos também reflete o mosaico de que se compõe a Linguística Cognitiva. Eliane das Dores Martins da Cruz (UNIFANAP), Leosmar Aparecido da Silva (UFG) e Warlete Cristina de Oliveira (UFG) examinam a ironia em uma crônica de Millôr Fernandes, mostrando como o humor e o exagero, por exemplo, são usados para defender um ponto de vista. Também exploram o humor, Ana Luiza de Lima Cano Nunes (UNIFESP) e Brízzida Anastácia Souza Lobo de Magalhães Caldeira (Aix-Marseille Université) que, em abordagem ecolinguística, analisam tiras do Cebolinha e observam que a metalinguagem das tiras ativa processos cognitivos que geram, de forma complexa e criativa, humor. Na mesma perspectiva ecolinguística, Marcos Victor Pires Rodrigues (UFRN) e Paulo Henrique Duque (UFRN) estudam *frames* emulados sobre a estrutura ENTRAR EM/PARA, em dados do Twitter/X. Por fim, Raquel Figueiredo Roza (UFMG), Maucha Andrade Gamonal (UFJF) e Adriana Silvina Pagano (UFMG), baseadas na Semântica de *Frames*, examinam a legendagem do português brasileiro para o francês do curta “Eu não quero voltar sozinho”.

Estamos certos de que os 22 artigos reunidos neste dossiê, com sua diversidade de temas e objetos, homenageiam com propriedade a trajetória intelectual da Profa. Lilian Ferrari, marcada por incursões densas e sensíveis por distintos campos da Linguística Cognitiva — desde estudos mais gramaticais até abordagens (quase) exclusivamente semânticas. Que cada texto, à sua maneira, conduza o leitor pelas ilhas desse arquipélago teórico, convidando à travessia e à descoberta que este volume tão generosamente propõe.

Referências

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de.; PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires. ; LEMOS DE SOUZA, Janderson ; NASCIMENTO, Mauro José Rocha do.; BERNARDO, Sandra Pereira. Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires; FERREIRA, Rosângela Gomes; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, Carlos Alexandre. (Org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010, v. 1, p. 15-52.

ANDRADE, Helen de.; FERRARI, Lilian Vieira. Aspectos genéricos da dêixis: o caso dos pronomes you e we em inglês. *Revista Philologus*, v. 1, p. 283-294, 2013.

ANDRADE, Helen de.; FERRARI, Lilian. V. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes WE e YOU em inglês. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)*, v. 33, p. 219-241, 2017.

CAMERON, Lynne et al. The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-Led Discourse Analysis. *Metaphor and Symbol*, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 63-89, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926480902830821>

CHEN, Rong. *English inversion: a ground-before-figure construction* (Cognitive Linguistics Research 25). Berlin: De Gruyter Mouton, 2003.

DUNN, Jonathan. Exposure and emergence in usage-based grammar: computational experiments in 35 languages. *Cognitive Linguistics*. 2022.

FILLMORE, Charles. Frame semantics and the nature of language. *Annual New York Academic of Sciences*, v. 3, n. 1, p. 21-32, 1968.

FERRARI, Lilian. V. . Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 4, n.6, p. 21-30, 2000.

FERRARI, Lilian. Construções gramaticais e a gramática das construções condicionais. *Scripta (PUCMG)*, PUC Minas, v. 5, n.9, p. 143-150, 2001.

FERRARI, Lilian. A sociocognitive approach to modality and conditional constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Language and Linguistics*, v. 1, p. 218-238, 2002.

FERRARI, Lilian. Condicionais reportadas e flexibilidade de ponto de vista. *Gragoatá*, Niterói, v. 23, p. 95-109, 2007.

FERRARI, Lilian. Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n.1, p. 119-140, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.117-140>. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2482/0>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian. Acrobacias cognitivas: ponto de vista e subjetividade em redes condicionais. In: Moura, H.; Gabriel, R. (org.). *A cognição na linguagem*. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2012, v. 1, p. 43-62.

FERRARI, Lilian Vieira. Blending, subjectivity and deixis: evidence from English and Brazilian Portuguese. *Online Proceedings of UK-CLA Meetings - Selected Papers*, v. 1, p. 102-116, 2014.

FERRARI, Lilian Vieira. Semântica objetivista ou semântica cognitiva? implicações do modelo semântico na análise de condicionais. *Gragoatá* (UFF) , v. 38, p. 142, 2015.

FERRARI, Lilian Vieira. Construções gramaticais e laços de polissemia: as extensões metafóricas de comunicação verbal. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. Especial, p. 102-113, 2016.

FERRARI, Lilian; ALMEIDA, Paloma Bruna. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, Assis, v. 59, p. 89-111, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-4>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/LTMLK4YJfWfZXjwNKFC37pm/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FERRARI, Lilian; SWEETSER, Eve. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: Dancygier & Sweetser (eds.). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 47-68.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. v. I: Theoretical prerequisites. Standford, CA: Stanford University Press, 1987.

LIMA, Thaís Lourenço; FERRARI, Lilian Vieira. Usos literais e metafóricos dos dêiticos 'aí' e 'lá' em dados verbais e multimodais do português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 23, p. 1-27, 2024.

LLOMPART, Miquel; SANTOS, Sara Fernández; DABROWSKA, Ewa. Comprehension of object relatives in Spanish: the role of frequency and transparency in acquisition and adult grammar. *Cognitive Linguistics*. 2024

MIRANDA, Maíra Avelar.; FERRARI, Lilian Vieira. Integração experiencial e dêixis locativa: o papel discursivo dos gestos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 59, p. 73-89, 2017.

PINHEIRO, Diogo. *Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: o que são e como nós fazemos no Linc*. 2020. Palestra apresentada na mesa-redonda “Linguística Cognitiva – O que é? Para onde vai?” no Abralín Ao Vivo, 2020, Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/linguistica-cognitiva>. Acesso em 25 jun. 2025.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Aí vem eu doidão: uma abordagem cognitivista para a inversão do sujeito no Português Brasileiro. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 33, p. 187-217, 2017.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 16, p. 595-621, 2020.



Recebido em 20 de julho de 2025
Aceito em 21 de julho de 2025